

A Divulgação e Proteção da Natureza no Museu Nacional sob direção de Edgard Roquette-Pinto (1926 – 1935)

MARIANA MELLO BURLAMAQUI*

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Casa de Oswaldo Cruz

A pesquisa em questão possui como objetivo o estudo da promoção da proteção à natureza brasileira nas atividades de divulgação científica no Museu Nacional entre 1926 e 1935. O recorte foi escolhido, pois a historiografia que se ocupa da história da instituição indica grande recrudescimento da divulgação científica nesta ocasião. Tendo como referência fundamental o entendimento sobre divulgação científica de Wanda Weltman:

Entendo por divulgação científica a atividade desenvolvida pelos cientistas, que incluiria tanto a escrita voltada para o público leigo, na perspectiva de ampliar sua audiência, como a escrita direcionada às elites políticas e intelectuais, com a preocupação de legitimar e conseguir apoio para a realização de suas atividades. Dessa forma, a divulgação científica atenderia à necessidade dos cientistas, de ampliar a interlocução com os diferentes segmentos da sociedade, na afirmação e consolidação de seu papel profissional.” (Weltman, 2008, p.30).

Entre as décadas de 1920 a 1930, o Museu Nacional do Rio de Janeiro foi o lugar escolhido para se transformar em um “centro irradiador de conhecimento”, como propõe nos mostrar o livro de Regina Horta, “A Biologia Militante”. E para que essa mudança acontecesse, a autora remete a atuação dos membros do Museu. A importância desses “homens da ciência” também é visto por Moreira, Massarani e Aranha no trecho: “O surto de atividades de divulgação científica nesse período correlaciona-se com o aparecimento de um grupo de profissionais ligados à ciência e à educação que tinha como propósito a valorização da pesquisa básica – da pesquisa pura ou desinteressada, como então se denominava. Eram professores, cientistas, engenheiros, médicos e intelectuais, pertencentes em geral às principais instituições científicas e educacionais do Rio de Janeiro.” (Massarani, Moreira, 2003:47). Formava-se o embrião da comunidade científica brasileira que, em um movimento organizado, tentava criar condições para a institucionalização da pesquisa no país e a consolidação da figura do

* Mestranda no programa de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde

cientista. "Os homens de ciência adquiriram uma fisionomia à parte", segundo a expressão de Miguel Ozório (Almeida, 1931: 122).

A grande temática que predominava na época era a busca por uma identidade nacional e uma solução para os problemas da construção da nação. Problemas estes como a miséria, doenças, analfabetismo e a destruição do patrimônio natural brasileiro. Iniciava-se uma preocupação em conscientizar a população sobre suas riquezas naturais e, dessa forma, gerar uma valorização e alcançar o Estado como regulamentador dessas riquezas.

Dentre esse grupo de intelectuais da época, Edgard Roquette-Pinto foi um dos que esteve à frente dessa geração e participou ativamente do movimento científico e cultural que buscava mudanças para o país. Roquette-Pinto foi diretor do Museu Nacional no período em que as atividades de divulgação científica ganharam prioridade na instituição.

“Roquette-Pinto (Edgar R.-P.), médico legista, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta, nasceu no Rio de Janeiro em 25 de setembro de 1884, e faleceu na mesma cidade em 18 de outubro de 1954.”¹ Formado em medicina em 1905, iniciou sua carreira como professor no Museu Nacional e desenvolveu um estudo sobre os Sambaquis no Rio Grande do Sul, tema que foi de sua monografia. Em 1911, representa o Brasil como Delegado no Congresso de Raças, na Universidade de Londres. Em 1912, realizou uma expedição junto à Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, conhecida como Comissão Rondon, à zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira, reunindo dados sobre os índios Paresís e Nhambikuára, da Serra do Norte, que expôs no livro Rondonia, em 1917, considerado como uma das mais notáveis contribuições à etnologia brasileira e com esse livro foi vencedor da medalha Pedro II no IHGB. Em 1916, funda a Academia Brasileira de Ciências, junto com Oswaldo Cruz, Henrique Morize, dentre outros grandes nomes. Torna-se, em 1916, professor de História Natural na Escola Normal do Distrito Federal e, em 1920, professor visitante de Fisiologia na Universidade Nacional do Paraguai. Foi um dos responsáveis pela fundação da primeira emissora de radiodifusão do Brasil, em 1923, a chamada Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, futura Rádio MEC. No ano seguinte representa o Brasil no Congresso de Americanistas na Suécia. Esses, dentre outros tantos feitos, fizeram com

¹ Disponível em: www.museunacional.com.br. Acesso em 22 de outubro de 2010.

que Roquette-Pinto adquirisse o respeito e renome dentre os precursores e divulgadores da ciência no Brasil no início do século XX, antes mesmo de se tornar diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Roquette-Pinto foi o diretor do Museu Nacional no período de 1926 – 1935, período onde “o Museu apresentou-se como local privilegiado de intervenção pedagógica e articulação de projetos educativos dirigidos à população brasileira, e ainda em um lugar de produção de conhecimento (...) o Museu Nacional veiculou uma ousada proposta multimidiática de experimentação e atuação.”²

Uma conquista importante durante seu período na direção foi conseguir investimentos junto ao Ministério da Educação e Saúde Pública para a criação da Revista Nacional de Educação (RNE) em 1932. A importância dessa revista era devido ao seu público-alvo que era “muito diverso e, principalmente, ousava uma nova aposta sobre o papel do Museu Nacional na renovação da sociedade brasileira” (Duarte, 2004:34). Seu objetivo era distribuir a Revista por todo o território brasileiro, pois possuía uma “vocação educacional e popular (...) cujo desejo era alcançar cada lar brasileiro”³. Outro fator importante de mudança foi que a Revista seria “*um marco na transforma o das rela oes entre o governo e as classes populares, que poderiam reconhecer um dos primeiros atos de cria o de valores culturais e certamente “o primeiro gesto educativo rigorosamente popular praticado pela República” (...)* (Roquette-Pinto, fev. 1933, p. 8).

No período de sua dire o,   importante destacar as atividades desenvolvidas em nome da divulga o da prote o da natureza nacional. De acordo com José Luiz Franco e José Augusto Drummond em “Cândido de Mello Leitão: as ciências biológicas e a valoriza o da natureza e da diversidade da vida”⁴, existia um grupo formado por cientistas, intelectuais e funcionários públicos que acreditavam na combina o do conhecimento científico da natureza com a no o de conserva o da natureza por motivos econ micos e est ticos. Dentre esses homens, Roquette-Pinto era um dos mais ativos e procurava medidas para conseguir implementar políticas relacionadas  

² DUARTE, Regina Horta. “A Biologia Militante: o Museu Nacional, especializa o científica, divulga o do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1946.” Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. P16.

³ Actas e Trabalhos, v.1, 1929, P 48.

⁴ FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. Cândido de Mello Leitão: as ciências biológicas e a valoriza o da natureza e da diversidade da vida. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*.

conservação do patrimônio natural brasileiro. Esses cientistas acreditavam que o conhecimento da natureza pelo homem poderia levá-los a valorizá-la e aproveitá-la de forma sensata. De acordo com os autores, esses cientistas acreditavam que o conhecimento científico tinha relação com o amor à natureza e o conhecimento da biologia era importante para a proteção do mundo natural. Havia uma forte relação do Museu Nacional e seus cientistas com a pesquisa, divulgação e proteção da natureza nacional⁵.

Os autores também falam que os contemporâneos de Mello Leitão foram esquecidos, tal como os trabalhos sobre Roquette-Pinto, que poucos são encontrados. Estudos sobre este último, no entanto, começaram a ser feitos nos últimos anos. Dentre eles, destaco o livro “Antropologia Brasileira: Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto”⁶ que é uma reunião de artigos e textos sobre o antropólogo e foi organizado por Nísia Trindade e Dominichi Miranda de Sá. No livro, há um texto das próprias autoras que nos mostra a postura anti-racista no pensamento positivista de Roquette-Pinto, apesar de que para muitos intelectuais da época, “os obstáculos representados pela base racial eram insuperáveis (...) acreditavam que os cruzamentos raciais produziriam seres degenerados física e mentalmente.” (Lima, Sá, 2008: 68). No mesmo livro, há um texto que considero primordial para minha pesquisa, de autoria de Regina Horta Duarte. A autora também nos mostra que Roquette-Pinto era extremamente contra essa corrente de pensamento intelectual e criticava esses “ativos difusores do pessimismo entre o povo do Brasil que apresentavam a nação como terreno inútil, desalentando as massas e sugerindo a ruína como futuro inexorável.” (Duarte, 2004: 34).

Em outro texto do livro “Antropologia Brasileira”, de autoria de Nísia Trindade, Ricardo Ventura e Carlos Coimbra, “Rondonia de Edgard Roquette-Pinto”, os autores buscam analisar a obra de Roquette-Pinto *Rondonia*, na qual o antropólogo reúne observações ao período de quatro meses que participou da expedição à Serra do Norte

⁵ FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. “Proteção à Natureza e Identidade Nacional no Brasil, nos anos 1920-1940”.

⁶LIMA, Nísia Trindade & SÁ, Dominichi Miranda de. ‘Roquette-Pinto e sua geração na República das letras e da ciência’. In: LIMA, Nísia Trindade & SÁ, Dominichi Miranda de (org). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*.

da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas – a famosa Comissão Rondon. A importância da Comissão, além da construção de linhas telegráficas, era o trabalho realizado de reconhecimento topográfico e hidrográfico, levantamento da fauna e da flora das regiões pelas quais a Comissão passava. Era uma maneira de conhecer cientificamente regiões desconhecidas. O texto fala que a Comissão foi ainda importante para controle de nossas fronteiras e valoriza a relação do sertanejo com a natureza e como estes sobreviviam em meio a tantas adversidades. Esta viagem teve forte influência sobre Roquette-Pinto; segundo os autores, pois foram esses contatos com a realidade nacional que o transformaram em um grande divulgador de conhecimentos sobre nossa natureza e as questões relacionadas à busca de uma identidade nacional.

Nas atas e trabalhos do Congresso de Eugenia de 1929, podemos analisar outro tema muito discutido na época, que era a questão da ausência de uma nacionalidade no Brasil, pois não havia um sentimento de identidade nacional. Roquette acreditava que os problemas brasileiros eram devido as doenças e ao analfabetismo da população, não relacionava com o clima de nosso país ou etnias. Com esse pensamento, Roquette-Pinto foi atuante nos movimentos nacionalistas e chegou a presidir o Congresso em questão contra a tese de influência do clima ou a existência de raças inferiores, sempre defendendo como solução para o Brasil, educação para todos. No Congresso de Eugenia, rebateu e afirmou sua posição contrária ao pensamento de seu opositor Azevedo Amaral que aconselhava “a exclusão de todas as correntes imigratórias que não sejam de raça branca.”⁷ Regina Horta nos mostra em seu texto “Rumo ao Brasil, Roquette-Pinto viajante”⁸ que, diferente da corrente ufanista que predominava na época o antropólogo via o Brasil como uma nação com um grande potencial natural que seria de grande contribuição para a ciência e a educação. Sua visão positiva sobre o mundo o fazia acreditar em um Brasil construído através da ciência e de estudos sobre a natureza.

Portanto, percebemos que esses cientistas não buscavam apenas destaque no meio científico, mas queriam também apoio do governo para que políticas públicas

⁷ Actas e Trabalhos, v.1, 1929, p.340.

⁸ LIMA, Nísia Trindade & SÁ, Dominichi Miranda de. ‘Roquette-Pinto e sua geração na República das letras e da ciência’. In: LIMA, Nísia Trindade & SÁ, Dominichi Miranda de (org). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte/RJ: UFMG/Fiocruz, p.271-294, 2008.

pudessem ser realizadas. É nesse período que vemos o Museu Nacional como parte da nação e unido ao governo. Seu acervo é um dos maiores de coleções científicas no campo de história natural no país e sua importância na pesquisa e divulgação nessa área é enorme, principalmente, no período em que Edgar Roquette-Pinto foi diretor na Instituição. Através das fontes inicialmente pesquisadas, podemos observar que durante seus nove anos na direção do Museu Nacional do Rio de Janeiro foi responsável pelo aumento do acervo da biblioteca e dos filmes, pois encontramos na Academia Brasileira de Letras cartas de recebimento e compra de livros e vídeos. Em 1927, promove uma reforma administrativa, criando o Serviço de Assistência ao Ensino, o primeiro serviço educativo em um museu brasileiro, que ainda hoje faz parte do Museu e tem como principais atribuições agendar visitas escolares, emprestar material didático e elaborar projetos educativos e culturais voltados para professores e alunos do ensino médio e fundamental. De acordo com o próprio Museu Nacional, “Durante 1927/28, Roquette Pinto conseguiu remodelar uma grande parte do edifício e revitalizar a apresentação das coleções etnográficas indígenas e regionais.”⁹

Este projeto busca o estudo dos diferentes usos e das diversas significações que tiveram os conceitos de natureza no Brasil e investigações acerca da construção histórica e do debate contemporâneo sobre a relação natureza e cultura; a relação entre as interpretações do Brasil, a construção de instituições e saberes políticos e científicos e a institucionalização das ciências no Brasil – carreiras e biografias, grupos e instituições de pesquisa. Estas relações são encontradas no estudo da divulgação científica e proteção da natureza nacional no período de direção de Roquette-Pinto no Museu Nacional.

⁹ Disponível em: www.museunacional.com.br. Acesso em 22 de outubro de 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica – Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção.** 2005. 366 p. Tese (Doutoramento em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CURY, M. **Estudo sobre Centros e Museus de Ciências. Subsídios para uma política de apoio.** São Paulo: Fundação Vitae, 2000. Disponível em: <http://www.abcmc.org.br>. Acesso: 28 de agosto de 2010.

ALVES, José Jerônimo de Alencar (2001). "As ciências na Academia e as expectativas de progresso e modernização: Brasil – 1916-1929" IN: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas, Org. (2001). *Espaços da ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

DUARTE, Regina Horta (2004) "Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte": a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-1934)'. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, V. 11, n. 1.

DUARTE, Regina Horta. "A Biologia Militante: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1946." Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 219 p. ISBN 978-85- 7041-860-9.

FAUSTO, Carlos (2002). **Entre ciência e educação.** In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro & BRITO, Fátima (orgs.) (2002). *Ciência e público – caminhos da divulgação científica no Brasil*. Série Terra Incógnita. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. **Cândido de Mello Leitão: as ciências biológicas e a valorização da natureza e da diversidade da vida.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1265-1290, out.-dez. 2007.

FRANCO, José Luiz de Andrade e DRUMMOND, José Augusto. **Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940.** Rio de Janeiro: Ed.Fiocruz, 2009, 272p.

MASSARANI, Luisa. **Depoimentos de divulgadores de ciência no Brasil.** v. 1, CD-ROM. Centro de Estudos do Museu da Vida/Fiocruz. Rio de Janeiro. 2005.

_____; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (orgs.). *Terra Incógnita; a interface entre ciência e público.* Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: Fiocruz, 2005.

_____; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO; Fátima. **Ciência e Público; caminhos da divulgação científica no Brasil.** Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

_____ ; Luisa Medeiros; MOREIRA, Ildeu de Castro; ARANHA, Jayme. Roquette-Pinto e a divulgação científica. In: Nísia Trindade Lima; Dominichi Miranda de Sá. (Org.). *Antropologia brasileira - Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Editora UFMG e Editora Fiocruz, 2008, v. p. -.

MACIEL, M. E. . A Eugenia no Brasil. Anos 90, Porto Alegre, RS, v. nº 11, p. 121-143, 1999.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. “**A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20.**” *Historia, Ciências, Saúde – Manguinhos*, n.7, pp.627-651, 2001.

LIMA, Nísia Trindade & SÁ, Dominichi Miranda de. ‘Roquette-Pinto e sua geração na República das letras e da ciência’. In: LIMA, Nísia Trindade & SÁ, Dominichi Miranda de (org). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte/RJ: UFMG/Fiocruz, 2008.

SANTOS, M. S. “**Museus brasileiros e política cultural**”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 19, n. 55, p. 60.

SÁ, Magali Romero; DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **O Museu Nacional e o estudo das ciências naturais no Brasil no século XIX**. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v.15, p.79-88. 1996.

VICENTE, Adriana da Silva de Souza. **A ciência mora aqui: Reflexões acerca dos museus e centros de ciência interativos do Brasil. 2008**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Orientador*: Ildeu de Castro Moreira.

WELTMAN, Wanda Latmann. **A educação do Jeca: ciência, divulgação científica e agropecuária na Revista Chácaras e Quintais (1909-1948)**. (Orientadora: Dra Nísia Trindade Lima. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2008.

FONTES

Edgard Roquette Pinto. *Revista Nacional de Educação*, fevereiro de 1933.

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA – Actas e Trabalhos, v.1, 1929.

DOCUMENTOS CONSULTADOS NA INTERNET

Associação Brasileira de Museus e Centros de Ciência - <http://www.abcmc.org.br>

Ministério de Ciência e Tecnologia - <http://www.mct.gov.br>

Ministério da Cultura – <http://www.minc.gov.br>

ARQUIVOS

Academia Brasileira de Letras – Centro de Memória.

Museu Nacional – Fundo Edgard Roquette-Pinto – Diretoria.